

246

VIOLÊNCIAS E METAMORFOSES DO CORPO FEMININO NO HIP HOP. *Gisele A. Rodrigues, Márcia Monteiro, Tainá B. de Ávila. Orientador: Carmen S. de Oliveira.* (Centro de Ciências da Saúde, Curso de Psicologia, Universidade do Vale do Rio dos Sinos).

Os jovens suburbanos no Brasil sofrem a violência da desapropriação material, mas também da destituição simbólica, colocando-os sempre aquém diante da estética juvenil globalizada. Uma peculiar situação envolve as mulheres jovens pois se vêm depreciadas numa cultura que valoriza a virilidade, condenando-as ao circuito doméstico, ao mesmo tempo que seu corpo é alvo de cobiça. Vários estudos apontam as elevadas taxas de gravidez e aborto entre elas, bem como situações de evasão escolar, baixa escolaridade e violência doméstica. Nos últimos anos, o Hip Hop veio surgindo como força de resistência à esta exclusão e homogeneização cultural, pautando esta violência cotidiana e agenciando saídas para além do conformismo ou da sedução do jovem encontrar no delito a única forma de reconhecimento social. Contudo, existe pouca participação das meninas no Hip Hop, muito embora sejam “consumidoras” frequentes das manifestações culturais produzidas pelos jovens do sexo masculino, fortemente idealizados por elas. Por outro lado, quando se inserem na criação cultural enfrentam vários preconceitos, o que as leva, por vezes, a buscar o masculino como referência, submetendo sua corporalidade a esta imagem. Também existe uma tensão nas questões raciais, como na discriminação às avessas, onde a jovem branca ou de maior poder aquisitivo é segregada por aqueles que entendem ser o Hip Hop um movimento de expressão dos negros e da cultura de rua, reterritorializando a todos em velhos repertórios existenciais. Apesar disto, observa-se que o processo criador das meninas apresenta várias particularidades, tanto na temática de suas produções, quanto nas vias buscadas para a produção de sentidos na música, na dança e no grafite. Ou seja, outros modos femininos de subjetivação vão sendo construídos à medida em que são experimentadas novas relações com o corpo, com o grupo e com a pólis. (Fapergs/UNISINOS).